

ENSINO MAGAZINE JOVEM

SUPLEMENTO DO
ENSINO MAGAZINE
OUTUBRO 2017

DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

EUROVISÃO EM PORTUGAL

É UMA OPORTUNIDADE ÚNICA

NUNO GALOPIM, JORNALISTA E CRÍTICO MUSICAL

Thor: Ragnarok

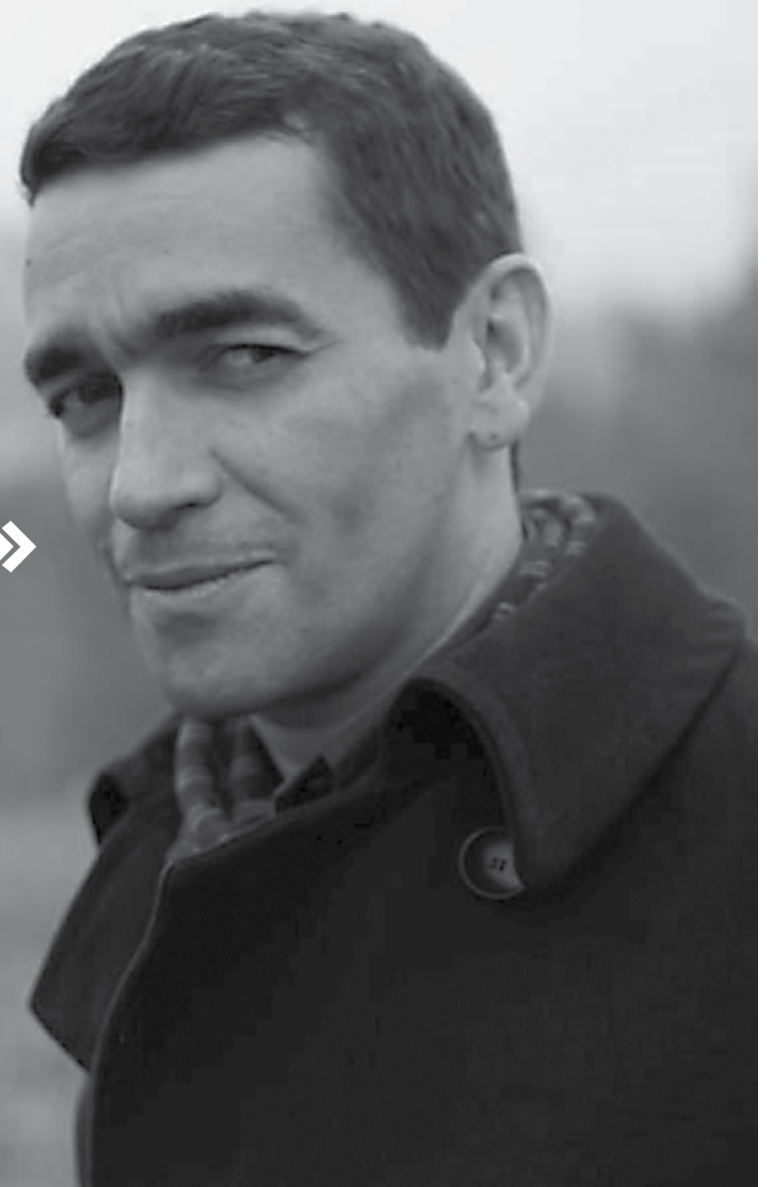
FIFA 18

GIF
Maker

«EUROVISÃO EM PORTUGAL É UMA OPORTUNIDADE ÚNICA»

NUNO GALOPIM, JORNALISTA E CRÍTICO MUSICAL

NASCEU COM O OUVIDO PARA A MÚSICA E AGORA SÓ PENSA NOS FESTIVAIS DA CANÇÃO E DA EUROVISÃO QUE EM 2018 VÃO DECORRER EM PORTUGAL. NUNO GALOPIM É UM DOS ROSTOS DO RELANÇAMENTO DO CERTAME QUE LEVOU SALVADOR SOBRAL A CONQUISTAR KIEV.



ENTREVISTA
ENSINO MAGAZINE

Iniciou-se nas Ciências, porventura seguindo as pisadas do seu pai, o professor Galopim de Carvalho, conhecido como «o avô dos dinossauros», mas acabou por ir parar às redações dos jornais. Como é que acontece esta reviravolta na sua vida?

Confesso que tirei o curso que pensei me ia dar menos trabalho. No fundo, aquilo que me entusiasmava quando tinha 18 anos era acompanhar aquilo que saía no mundo dos discos e do filme. Então, enveredei pela Geologia, sempre pensando que não me iria custar muito esforço a cumprir o programa curricular. Porém, se eu tivesse seguido carreira na Geologia teria feito na área da Museologia, ligada às Ciências Naturais. Apesar de tudo há um lado de ligação com a criação que sempre me entusiasmou sobremaneira. Afinal, os meus passatempos, os discos, a música e o cinema, acabaram por torna-se o meu trabalho.

Já parece aqueles futebolistas que só sabem jogar à bola e ainda são pagos por isso...

Sim, só tenho feito aquilo de que gosto. Isso é muito bom.

Acaba de editar «Afonso VI – O indesejado». Como é que um

jornalista se lança a escrever um romance histórico?

Eu já tinha publicado livros na área da não ficção ou biografias musicais, mas chegou uma altura em que propus à editora Esfera dos Livros um livro sobre as residências reais portuguesas. Não do ponto histórico-arquitetónico, mas vivencial. O editor, Francisco Camacho, propôs uma abordagem no âmbito da ficção e a minha pergunta resposta foi: «como jornalista que sou, escrevo sobre realidade, não escrevo sobre invenções». Ao que ele me desafiou a escolher uma figura da História de Portugal e a imaginar uma ficção. Poucos dias depois tinha uma ideia na cabeça. Fiz primeiro os últimos dias do reinado de D. Manuel II, na qual usei como personagem principal um jovem estudante de cinema, no presente, e como outra personagem principal, um jornalista nos anos 30 – são uma espécie de extensões da minha identidade, em confronto com um rei do qual os portugueses conhecem o nome, mas praticamente nada sabem. Desta vez a ideia foi um bocado diferente. E através de uma fresta da história fiz a ficção acontecer.

É curioso que o cognome real de D. Afonso VI foi «o vitorioso». Porque lhe deu o nome de «o indesejado»?

Ele ficou conhecido como «o vitorioso» porque foi no seu reinado que aconteceram os

grandes triunfos da Guerra Peninsular. Porém, a sua vida é tudo menos um triunfo. Ele não estava preparado para reinar. O herdeiro da coroa era o seu irmão mais velho, D. Teodósio, que morre muito jovem, acabando D. Afonso VI por ocupar um lugar para o qual a educação não o preparara. Tinha um comportamento rebelde e subversivo, sobre o qual não foi dada a atenção, enquanto novo, no tempo certo. No fundo, era um ser, em muitos aspetos, estranho para os padrões da época, o século XVII. A agravar isso tinha sido vítima de uma hemiplegia em criança, que lhe afetava o andar e até os esgares que fazia. Mais tarde foi alvo de uma acusação de infertilidade por parte da mulher. Tudo fatos que foram usados pelo irmão e seus partidários quando o afastam. Os relatos dos partidários de quem lhe sucedeu, D. Pedro II, em nada abonam a imagem de D. Afonso VI, demonizando mesmo a sua figura. Mas as opiniões dos diplomatas da época não coincidiam com essas visões. Perante zonas turvas, decidi experimentar o «e se?», como exercício de ficção. Parti de várias hipóteses: e se ele não fosse tão tonto como o descreviam? E se ele não fosse infértil e até tivesse tido um filho, fora do casamento? Foi a partir deste interruptor que liga a história a um outro circuito, que nasce a ficção...

No livro anterior esteve em Londres e noutros locais. Neste ano andou mais pelo Alentejo. Como é o seu método de pesquisa?

Em primeiro lugar, há um processo de levantamento de figuras, lugares e comportamentos. Existe uma etapa de leitura, intensa, sobre as biografias, as figuras, textos sobre a época, nas suas vivências quotidianas, a vida privada, a vida familiar, a própria geometria urbana, a relação com os outros países, etc. Depois faço questão de ir às cidades e aos lugares, para que a ficção caiba neles. Para que eu não ponha 800 pessoas numa sala onde afinal cabem...20. É preciso que a ação encaixe nos lugares.

O romance histórico começa a despontar com força na literatura?

Entre nós, claramente. Há vários autores a desenvolver esse trabalho e apesar de sermos um país pequeno, temos um percurso histórico-geográfico tão vasto que nos dá espaço no tempo e nos vários domínios da geografia para aí projetar histórias. Não nos faltam momentos nem figuras para sobre elas podermos ficcionar. A História de Portugal é riquíssima e estas são formas, diferentes das curriculares, para que as pessoas menos atentas a esta realidade concreta tomem contacto com outras épocas.

Esteve 20 anos como editor de cultura do Diário de Notícias e passou por outros títulos prestigiados. O jornalismo vive um período de um certo desencanto?

Ao contrário do que se diz, não creio que o papel esteja a morrer. O que vai mudar é a forma como nos relacionamos com o papel enquanto fonte de informação. A rapidez da notícia nos telemóveis transcende, por exemplo, o imediato desde sempre atribuído na história à rádio e à própria televisão. Ao papel, para além da necessidade de dar a notícia, caberá, cada vez mais, a função de explicar e contextualizar. O jornalismo impresso caminhará com os tempos para um terreno não das breaking news – papel que compete aos sites – mas sim para um espaço de leitura de digestão e explicação mais profunda.

Com o manancial diário e permanente no digital, os jornais não serão tentados, até por redução de custos, a fazerem unicamente edições de fim de semana, quando as pessoas têm mais disponibilidade?

Creio que se os jornais diários souberem ir explicando as notícias, complementando com algo mais profundo, poderão continuar a ter o seu público. É preciso é que nos saibam dar informação enquanto leitores. O modelo editorial tem que ser repensando. Os jornais diários têm de pensar os públicos para quem trabalham

e dar mais território à soma de nichos do que ao foco numa ideia de mainstream.

A gratuidade que ainda existe em muitos sites informativos faz com que as pessoas prefiram esta consulta à compra de um jornal?

Nós criamos, ao longo dos tempos, a ideia da internet como fonte de entretenimento e informação gratuita. Isso não será eterno. Chegaremos a uma altura em que a nossa dependência do online será tão grande que todos os fornecedores de conteúdos de informação poderão passar a cobrar pela visualização de notícias. E será esse o futuro. A internet é uma estrada para futuros negócios, na distribuição de conteúdos e de informação.

No que diz respeito aos hábitos culturais dos portugueses, lemos mais, os concertos esgotam, o cinema ainda tem público. Progredimos muito no consumo de arte e cultura?

É uma pergunta demasiado vasta para eu dar uma resposta sucinta e precisa. Sabemos mais hoje do que há 30 anos? Nalgumas coisas sim, noutras talvez não. Os ritmos de vida e o acesso ao lazer mudaram muito, e é muito perigoso fazer uma análise comparada, em termos de valores absolutos, sobre o que eram os consumos nos anos 70 e o que são os consumos nos nossos dias. Os paradigmas de consumo alteraram-se drasticamente. O consumo hoje em dia é mais fragmentado, que é uma característica dos tempos modernos e que surgiu fruto da internet. Na década de 70 havia um canal de TV, menos espetáculos, menos concertos e havia uma importante edição livreira. Hoje, a pessoa tem em casa quase duas centenas de canais de televisão, um PC ou um telemóvel que permite acesso a infinitas fontes de conteúdos, para ler, ver e ouvir. Ou seja, aumentaram as possibilidades, mas ao mesmo tempo aumentou a oferta de possível distração e dispersão. Por isso, devemos ter uma cautela não paternalista em dizer que dantes estava bom e agora está mau. A verdade é que está diferente. O importante é que quem cria e quem distribui saber como fazer chegar o conhecimento às pessoas, que em função do seu gosto pessoal vão definir aquilo que querem ver, ouvir ou ler. E isso é positivo.

Os anos 80 continuam na moda. Como se explica este revivalismo?

O foco atual nos anos 80 explica-se pelo seguinte: estão neste momento nas esferas do poder, sejam políticos, fazedores de opinião ou outros protagonistas mediáticos, aqueles que então eram jovens nessa década.

E, por isso, o que passa é que as suas memórias de felicidade musical são as que são transmitidas como as mais marcantes. A nostalgia dos 80 é mainstream, mas é preciso não esquecer que a dos 70 também o foi e a dos 90 um dia também será, lá mais para a frente. Daqui a 20 anos vamos, provavelmente, ver a Lady Gaga como um fenómeno de nostalgia. No meu caso particular gosto da nostalgia como algo que é não passivo, mas que é motor de continuidade. A minha música é a de 2017, mas gosto imenso de ouvir os meus discos de 1981 para perceber o que se fez no passado e perspetivar o que se fará no futuro.

Foi contratado em 2016 para consultor da RTP com a tarefa de revitalizar o festival da canção. Fez, juntamente com o Henrique Amaro, convites a autores para apresentarem as suas composições. O festival foi um sucesso e a presença de Portugal na Eurovisão o que toda a gente sabe. Sente-se recompensado?

A ideia de partida foi muito simples: ir ao passado, ver o que se faz, para se pensar o que vamos fazer. E o que era o festival da canção, quando de facto foi marcante, nos anos 60 e 70? Tinha os melhores compositores, os melhores letristas e as grandes vozes. Pois bem, era isto que o festival tinha de voltar a ter, para que fosse novamente marcante. E nem estávamos a pensar na Eurovisão. Estar na Ucrânia era uma consequência para o vencedor do Festival, e não um objetivo aquando da construção do festival.

Voltar a chamar a atenção da comunidade artística para este evento foi a maior conquista?

Sem dúvida. A comunidade artística estava fora. O festival encontrava-se em progressiva erosão desde a metade da década de 80 e teve um ou outro momento com visibilidade e resultados nos 90, mas nos anos seguintes tornou-se inconsequente. É preciso referir que houve profissionais da RTP e músicos que nunca deixaram o festival morrer e é preciso prestar-lhes homenagem por em tempos de contra ciclo e desinvestimento generalizado se terem empenhado em manter a marca viva.

O festival passou a ser o palco de segundos planos. Isso foi negativo?

Os nomes que iam ao festival nos últimos anos não eram os que vemos quando vamos a concertos, ou que passam regularmente na rádio, nem os que ouvimos quando compramos discos. Era preciso recuperar essa contemporaneidade, na relação com o

«está no palco, está no disco, está na rádio», para o festival da canção. No fundo, trazer de volta os músicos que estão a construir o dia a dia da vivência musical portuguesa. E daí termos ido buscar a Luísa Sobral, o Pedro da Silva Martins, a Márcia, o Samuel Úria e outros. Nomes que representassem vários géneros musicais, várias gerações e que procurassem o retrato possível de Portugal em 2017. Este festival foi o primeiro passo na construção de um novo cancionero na história do certame.

Aparecer um Salvador Sobral é o jackpot?

É a cereja em cima do bolo. É a parte que não está no argumento, mas correu bem. Aliás, não podia ter corrido melhor. Foi uma grande construção e uma grande interpretação do Salvador. E explico: a criação é um trabalho de construção musical, o trabalho de composição da Luísa Sobral é absolutamente magnífico, ao nível daquilo que é uma das maiores compositoras da música portuguesa contemporânea. Ela é uma compositora de primeiríssimo plano, que chama o Luís Figueiredo para pensar o arranjo, amplificando as valências da canção...

A canção foi construída tendo em mente ser a voz do Salvador a dar-lhe vida. A Luísa conhecia como ninguém as capacidades interpretativas do irmão. Para além de ter uma voz única ele é um dos maiores artistas que temos no nosso país. E que bom que foi ser uma canção com esse calibre a vencer o primeiro festival da canção desta nova era, a representar-nos em Kiev com uma vitória, contrariando tudo o que tinham sido os trilhos recentes da canção “eurovisiva” e que terá deixado sequelas, porque pôs muita gente a pensar.

É o fim das chamadas canções festivaleiras?

Muitos países construíram canções para o Eurofestival em torno de um paradigma. A tal noção de festivaleiro morreu de vez. Lembro que havia um mito que só em inglês se conseguiam ter muitos votos. Em 2007 uma canção em sérvio-croata saiu vencedora. E este ano o Salvador venceu e todas as músicas cantadas em língua nativa chegaram à final. Isso dá que pensar.

Fundou o clube de fãs do Eurofestival em Portugal. Foi um sonho tornado realidade acompanhar ao vivo o certame em Kiev?

Sim, Kiev foi a minha primeira presença in loco. Em 2016 fiz os comentários para a RTP, mas nos estúdios de Lisboa da televisão.

Que ambiente presenciou nas ruas de Kiev para se ter um chei-

rinho do que vai acontecer em maio, em Lisboa?

É um ambiente de celebração, da diversidade, da multiculturalidade, o respeito pela diferença. São valores centrais na Eurovisão. Mas em Lisboa vai ser necessariamente diferente, devido à dimensão da nossa capital, mais pequena do que Kiev, o que vai permitir concentrar os vários espaços que acolheram o Eurofestival numa área próxima. Até porque o Eurofestival não se vai confinar ao Parque das Nações. Além do espetáculo televisivo que vai chegar a mais de 200 milhões de telespetadores, vai haver na Praça do Comércio uma iniciativa chamada «EuroVillage» que é um espaço de programação diário, aberto à cidade, durante alguns dias. Será um espaço gratuito e com atuações musicais ao vivo. E estou certo que teremos muitos milhares de fãs que virão a Lisboa de propósito para o Eurofestival, para além de 1000 profissionais a acompanhar as delegações de mais de 40 países e depois alguns milhares de jornalistas.

Portanto, entre o deve e o haver, a organização vai dar lucro?

Eu não falo do orçamento. Quem ganhou o festival da Eurovisão foi Portugal e tem o direito de organizar este certame dentro das suas fronteiras. Tem uma oportunidade única e rara, como aconteceu com outros eventos de escala global que organizámos no passado, para mostrar e comunicar aquilo que somos hoje. E posso garantir que o que somos hoje é muito bom. A Eurovisão não se confina aos países da Europa em termos de transmissão, inclui já a Austrália, a China, os Estados Unidos, etc. Há aqui muitas janelas que se vão abrir ao mundo.

Em linhas gerais, o que esperar do Festival e do Eurofestival?

Quanto ao nosso festival espero que saibamos escolher novamente uma grande canção e quanto ao Eurofestival que os outros países tragam grandes canções até Lisboa.

É uma boa notícia ter Madonna a viver em Lisboa?

É ótimo. Se acontecer o que eu espero, que da vivência que ela está a começar a talhar com alguns músicos e artistas plásticos da nossa terra a possibilidade de alguns deles, quem sabe, colaborarem num disco futuro de Madonna, só me posso congratular. Que bom que é.

Ao nível do ensino a escola tem sabido educar para os valores da arte e da cultura?

Deixei a escola há muitos anos, a primária nos anos 70 e o liceu em

1985. Há bastante tempo que não sei o que são os programas curriculares e não quero falar de cor. Mas eu acho que a educação para as artes deve viver, sobretudo, da experiência. A parte da descoberta é fundamental. Educar música, numa primeira etapa, deve ser ensinar a ouvir. Assim como educar para as artes plásticas é ensinar a ver. O essencial é alertar os mais novos para a montração vasta de sons e imagens que nos rodeiam. Mais tarde eles terão o discernimento de saber escolher o que querem ver e ouvir, em função do seu gosto pessoal. Penso que se os seres humanos estiverem, desde cedo, educados para a multiplicidade dos sons corremos menos riscos de todos gostarem de ouvir o mesmo. ☺

Nuno Dias da Silva (Texto)
Direitos Reservados (Fotos)



A CARA DA NOTÍCIA 28 anos de carreira nos media

Nuno Galopim, nascido em 1967 começou por traçar um futuro nas ciências, mas o jornalismo, a rádio e, sobretudo, a música e o cinema acabaram por falar mais alto. Com 28 anos de carreira nos media, escreve hoje no Expresso e Blitz e é autor dos blogues Sound+Vision e Máquina de Escrever. Tem também trabalho feito na música (do álbum *Humanos à série «O Melhor do Pop-Rock Português»*), no cinema (como ator, produtor, consultor, programador) e televisão, devendo estreitar este ano um documentário da sua autoria. Em 2016 iniciou um trabalho com a RTP como consultor para o Festival da Canção e Festival da Eurovisão. No passado trabalhou em jornais como *O Independente* e *Diário de Notícias* e em revistas como a *Billboard* e *Time Out*. Teve programas nas estações de rádio Antena 1, Antena 2, Antena 3, XFM, TSF e Radar. Nos livros estreou-se com *Vida e Morte dos Dinossáurios* (1992), assinado em co-autoria com o pai, o Professor Galopim de Carvalho. É ainda autor dos livros *Retrovisor: Uma Biografia Musical de Sérgio Godinho* (2005), *Os Marcianos Somos Nós* (2015) e *The Gift – 20* (2015). *Os Últimos Dias do Rei*, dedicado à figura de D. Manuel II, foi a sua primeira obra de ficção, publicada em 2016 pela Esfera dos Livros. *O Indesejado*, que tem D. Afonso VI como figura central, é o seu segundo romance. ☺

MAGAZINE GAMER

Olá. Esta é uma edição especial de Halloween. Nela iremos falar sobre um dos jogos de maior sucesso no ramo dos portáteis: "Pokémon"... e também de uma das suas lendas.



Pokémon

Pokémon é uma série de jogos em que somos caçadores de pokémons (uma espécie de criaturas com variados poderes) em que um dos nossos objetivos é caçar pokémons para lutar. A luta funciona assim: escolhemos dentro dos ataques aprendidos qual queremos usar. Ganha quem não ficar com os pokémons desmaiados. Outro dos objetivos é apanhar todos os pokémons (mais conhecido pelos jogadores por completar a pokedex) podendo evolui-los, trocá-los ou efetivamente caçá-los todos. Agora, falando da série em geral, ela tem vários "spin-offs" como "Pokémon Stadium", para além da série animada Pokémon que conta as aventuras de Ash, um jovem caçador pokémon, Pikachu, seu fiel pokémon e seus companheiros.



Especial Halloween

Missing.No

Missing.No era um glitch. Mas fez vários fãs criarem teorias. Também há relatos de jogadores que dizem que o jogo falhou por o terem encontrado. O seu aspeto é no mínimo bizarro pois aparenta falhas gráficas. Foi um dos primeiros mistérios da série e foram feitas várias "creepypastas" (um género de terror na Internet).

Afonso Carrega
(Aluno do 7º ano do Ensino Básico)



Thor: Ragnarok

Thor é preso do outro lado do universo, sem o seu martelo poderoso e encontra-se numa corrida contra o tempo para voltar a Asgard e impedir Ragnarok - a destruição do seu mundo e o fim da civilização Asgardiana - que se encontra nas mãos de uma nova e poderosa ameaça, a implacável Hela. Mas, primeiro precisa de sobreviver a uma luta mortal de gladiadores, que o coloca contra um ex-aliado: Hulk. ☹

Título Original: Thor: Ragnarok Realizador: Taika Waititi Atores: Chris Hemsworth, Tom Hiddleston, Cate Blanchett País: EUA



Blade Runner 2049

Trinta anos após os eventos do primeiro filme, K, um novo blade runner, oficial da LAPD (Ryan Gosling), descobre um segredo há muito enterrado que pode potencialmente mergulhar no caos o que resta da sociedade. A descoberta de K leva-o numa missão para localizar Rick Deckard (Harrison Ford), um antigo blade runner da LAPD, desaparecido há 30 anos. ☹

Título Original: Blade Runner 2049 Realizador Denis Villeneuve Atores: Jared Leto, Harrison Ford, Ryan Gosling, Ana de Armas País: EUA, Reino Unido, Canadá

Fonte: Cinema NOS



FIFA 18

FIFA 18 desvanece a fronteira entre o mundo virtual e o real, trazendo à vida os jogadores, equipas e ambientes do futebol em todo o mundo. Apresenta uma tecnologia de animação real de jogadores que faz com que Cristiano Ronaldo e outros jogadores de topo se movimentem e reajam exatamente como fazem em campo na vida real. A autenticidade é transposta para outro patamar. ☹

Plataformas: PlayStation 3, PlayStation 4, Xbox 360, Xbox One, Nintendo Switch e PC



WRC 7

Com 13 cenários fielmente reproduzidos para viveres todas as sensações intensas de um rally, WRC 7 oferece aos fãs de jogos de corridas e rallies uma ampla e diversificada gama de conteúdo. Tem melhores gráficos e é uma forma mais realista e espetacular de experienciar o Campeonato Mundial de Rally. Este ano, os fabricantes desenvolveram carros mais poderosos e mais aerodinâmicos. ☹

Plataformas: PlayStation 4, Xbox One e PC



GIF Maker

O GIF Maker - GIF Editor é uma aplicação para Android que permite criar GIFs de diversas maneiras no smartphone. O grande trunfo é o recurso de captura de ecrã integrado que facilita a criação de um GIF animado, rapidamente e sem recurso a outras apps. ☹



Dinobaan

É um quebra-cabeça de madeira que une brinquedos analógicos com realidade aumentada (AR). O objetivo é montar dinossauros recorrendo a tecnologia digital, criando inúmeras oportunidades de diversão para os mais novos e não só. ☹

1 «A Procura» Tiago Bettencourt



2 «Live At Pompeii» David Gilmour

3 «I Tell A Fly» Benjamin Clementine

4 «Orelha Negra» Orelha Negra

5 «Sleep Well Beast» The National

6 «Younger Now» Miley Cyrus

7 «Let's Play Two - Live At Wrigley Field»

8 «Moura» Ana Moura

9 «Concrete And Gold» Foo Fighters

10 «Excuse Me» Salvador Sobral

Fonte: Associação Fonográfica Portuguesa

1 «Mi Gente» J Balvin & Willy William



2 «Havana» Camila Cabello ft. Young Thug

3 «Dusk Till Dawn» Zayn ft. Sia

4 «Porque Queramos Vernos» Vanesa Martín

5 «Felice Los 4» Maluma

6 «Unforgettable» French Montana

7 «Feel It Still» Portugal. The Man

8 «What About Us» Pink

9 «New Rules» Dua Lipa

10 «Sua Cara» Major Lazer ft. Anitta & Pablo Vittar

Fonte: APC Chart